



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 2 mai.-out.2020
p. 179-182.

(Eu) Manifesto corpo em devir estrangeiro

((Yo) Manifiesto cuerpo en devenir extranjero)

((I) Manifest body in becoming foreign)

Daniel Silva Aires¹

Identificar o outro pelas diferenças.

Identificar a mim mesmo pelo que não sou.

Reconhecer o outro pela descontinuidade daquilo que penso que sou.

Como sou? Qual sou?

Estou pensando em um corpo ‘caixa’.

Não pela forma (quadrada e aparentemente dura), antes, pela funcionalidade da estrutura: guardar.

Não penso num corpo recipiente, que tudo abriga, como se não fosse rasgado pelas mediações.

Temos filtros que construímos e que alteram inclusive aquilo que está fora. Katz e Greiner (2005) nos diriam “corpomídia”. Um emaranhado antropofágico, que seleciona algo do mundo, afeta-se, afeta, mastiga, intiga uma outra coisa. [uma seleção, tombada às avessas, se seleciona, quando seleciona, já o faz distante de algum lugar ‘puro’, porque esse mesmo sequer existe]. Ainda sobre o conceito que elabora a referida autora, “corpomídia” é o que em uma descoberta de si-outro, no dia a dia? Manifesto que é contaminação, no mais singelo e profundo do termo.

¹ Artista-pesquisador; doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC-UFRGS); Especialista em Dança (UFRGS); Bacharel em Artes Visuais (UFSM); licenciando em Dança (UFRGS). Artista-gestor na Cubo1 Cia. de Arte (PoA-RS). E-mail: daniel_airess@hotmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 29/10/18

Aceito em 24/11/19

Um corpo represa? Profundo! Conter a água, reter o fluxo. Conter o fluxo, reter água.

A minha água misturada com a do outro só é minha ou do outro antes da mistura. Depois é água nossa, é só água. Só?

Canclini (2015) talvez alertasse: salve o espaço da água que não se mistura. Dizia isso porque fugiu de qualquer generalização ou ingenuidade que ignorasse o turbilhão que é ser si mesmo em relação ao outro, o estrangeiro. Quais misturas de gentes-mundos acontecem sem um turbilhão, quais acontecem sem resistência, sem empatia ou desejo. Quais não acontecem? Algumas [só] não acontecem.

Um corpo membranoso? Já percebemos que nos estruturamos como organismo e que a experiência nos compõe matéria, e como parte dela, nossas fronteiras.

Somos então matéria, experiência e fronteiras alterando e compondo o espaço, tornando-o lugar. Ane Cauquelin (2008) nos diria sobre a capacidade de estarmos-lugar, ainda que pelo vestígio de nossa passagem. Espaço, lugar, vazio, vestígio... pausa. Manifesto corpo agente, inspirado pela autora, rasgando o vazio e tornando-o espaço. O corpo é. No entorno, algo que ainda é potência, ainda é emergência, tracejado pelo corpo, é.

O corpo não é parede dura. Nem nossa fronteira o é. Somos camadas e camadas de energia mais ou menos densas, mais ou menos atuais e que se armam ou desarmam ao sabor de nossa capacidade de acolher e conviver.

Nesse continuum nem tudo é objetivo e concreto. Tem horas que a vontade é de estar, de trocar, mas antes de tudo, aquela musculatura profunda já tratou de nos armar. Outro tempo... A contaminação, na hora despercebida em que alguns (pré-)conceitos, já fantasiados de argumentos, nos armam ineficazes de uma suposta proteção.

Estamos expostos. Tem um cansaço de ser meio polvo (frase solta na demanda).

Salvo aqui que nem toda disposição em apreender o outro está impune! Hora ou outra queremos o que o outro está também disposto a nos dar, e queremos muito.

Que artefato simbólico é esse que às vezes queremos tanto e não sabemos onde guardar? Eis que isso ou aquilo do outro em nós se esvai.



E se esvai? Ou simplesmente o artefato simbólico nunca foi estrangeiro? Será que esse outro, o qual chamamos rapidamente de estrangeiro, não é a parte de nós que parou de se mover?

Reconhecer o estrangeiro é também dar-lhe atenção.

O tempo do reconhecimento é tempo duplo, dá-se ao outro e concomitantemente a si. Foge-se aqui da brevidade que pode surgir no uso dessa metáfora-estrangeiro. Manifesto corpo estrangeiro não-sinônimo de passageiro. Não há – gente que veio só olhar – olhar é flecha dura.

Esse corpo-caixa membranosa, armável, desarmável, está sempre sendo arranhado, rasurado no embate.

Tem ranhura que é suave, colorida de afeto, um toque perfume. Pura contaminação.

Não tenho certeza de nada.

Penso num óvulo como metáfora. Um óvulo fértil que está para ser fecundado, disposto e que no momento exato da fertilização se fecha.

Acolhe o primeiro e, enclausurado, se torna impermeável, imune.

Ambivalente, contamina-se para se tornar imune.

Esposito (2005) lembraria do princípio da vacina. Além do corpo, o princípio também é ambivalente: imune é aquele que não se relaciona com o meio e seu propósito é sobrevivência. Eis os binômios comunidade-imunidade, controversos, complementares sobre sistemas biopolíticos.

Nosso corpo é óvulo que hora ou outra se fecha para se proteger, é preciso contato, contágio. A vacina é o outro morando em nós, proporcionando ao organismo a capacidade de ser – com e a partir, com e a partir da – diferença.



Referências

CANCLINI, N. G. (1989) *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2015.

CAUQUELIN, A. *Frequêntar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ESPOSITO, R. *Immunitas: protección y negación de la vida: mutaciones*. Madrid: Amorrortu Editores España SL, 2005.

KATZ, H.; GREINER, C. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. In: GREINER, C. *Corpo: Pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.

